

# **Blogosfera Política, Estratégias de Subversão e o Campo da Comunicação no Brasil: uma análise do *Movimento dos Blogueiros Progressistas* sob uma perspectiva de poder**

**Leonardo Vasconcelos Cavalier Darbilly**

Departamento de Administração e Turismo e  
Programa de Pós-Graduação em Administração - UFRRJ

**Janaína Machado Simões**

Departamento de Administração e Turismo e  
Programa de Pós-Graduação em Administração - UFRRJ

## **Resumo**

O campo da comunicação tem passado por um processo de intensas mudanças no que tange ao modo como a notícia é produzida, distribuída e consumida em seus diversos segmentos. Tal fenômeno está ligado, principalmente, a mudanças de ordem tecnológica que têm possibilitado novas alternativas de se produzir e comercializar a notícia e que fogem ao modelo estabelecido pelas organizações dominantes nesse espaço. Nesse sentido, verificou-se o surgimento, no campo da comunicação no Brasil, de um conjunto de *blogs* políticos que possui como principal intuito desafiar o poder da mídia tradicional e também o de permitir a difusão de pontos de vista políticos distintos aos das organizações *mainstream*. Dentre os diversos grupos de agentes que ingressaram no campo da comunicação nos últimos tempos, pode-se mencionar o *Movimento dos Blogueiros Progressistas (BlogProg)*. Diante disso, a presente pesquisa analisa de que maneira este movimento possibilitou o surgimento de estratégias de subversão no campo da comunicação no Brasil. Procura-se realizar uma articulação entre a teoria sociológica de campo social desenvolvida por Pierre Bourdieu e a perspectiva de ativismo de mídia (RUSSEL, 2005; CARROLL e HACKETT, 2006). Para que o objetivo deste trabalho pudesse ser atingido, foi realizada uma pesquisa qualitativa com coleta de dados provenientes de *blogs* vinculados ao movimento *BlogProg*, de observação participante nos principais eventos promovidos pelos agentes que compõem o movimento e de entrevistas. Como resultado do estudo, foi possível verificar que este novo movimento social faz uso de diferentes micro e macro estratégias de subversão não só para que seja possível desafiar as organizações dominantes vinculadas aos meios de comunicação tradicionais, mas também para modificar as regras dominantes e a ordem estabelecida no campo da comunicação.

## **1. Introdução**

O campo da comunicação tem sido objeto de diversos debates tanto nos próprios veículos de comunicação como no meio acadêmico, uma vez que, nos últimos anos, viu-se neste espaço um processo de intensas mudanças no que tange ao modo como a notícia é elaborada, distribuída e consumida em seus diversos segmentos. As incertezas que o campo da comunicação enfrenta e que autores como Alcadipani (2007) afirmam estar intimamente ligadas ao surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, possibilitaram novas alternativas de se produzir e comercializar a notícia que fogem ao modelo dominante estabelecido pelas organizações tradicionais de mídia.

Ao mesmo tempo, as novas tecnologias possibilitaram que diferentes indivíduos e grupos pertencentes à esfera da sociedade civil pudessem expressar-se de maneira mais

livre, além de ter aberto as portas para a formação de um novo fenômeno denominado por autores diversos como um novo tipo de ativismo que ocorre na esfera virtual e tem como principal intuito contribuir para a democratização da informação. Tal prática, denominada por Silveira (2010) como ciberativismo ou ativismo digital, representa um conjunto de ações em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, que ocorrem na esfera da Internet.

No Brasil, o campo da mídia foi tradicionalmente marcado pelo mando das grandes corporações frente ao processo de produção de notícias, uma vez que elas detinham o quase absoluto controle da informação, dominavam o mercado e possuíam os recursos de poder necessários para exercer seu papel e manter sua posição. De acordo com Borges (2009), na década passada, nove famílias dominavam o setor. Entretanto, o autor afirma que este número caiu para apenas cinco. Ainda, Borges (2009) afirma que algumas dessas organizações mantêm avassaladora hegemonia no setor da comunicação, concentrando veículos de comunicação, fenômeno este denominado como propriedade cruzada.

Entretanto, no âmbito do contexto brasileiro, as tecnologias digitais também favoreceram a entrada de novos agentes no campo como, por exemplo, organizações de mídia independentes, jornais *online*, blogueiros críticos à mídia tradicional, etc., bem como o empoderamento daqueles que anteriormente não tinham os recursos para competir contra essa dominação.

Dentre os diversos agentes que ingressaram no campo da comunicação graças à utilização das novas tecnologias, pode-se mencionar um movimento organizado específico que ganhou visibilidade nos últimos anos tanto por sua atuação política, como por seu engajamento na discussão sobre a democratização da mídia no Brasil: o Movimento dos Blogueiros Progressistas (BlogProg). O BlogProg, que é composto por jornalistas egressos de grandes organizações de mídia tradicional, jornalistas ligados a veículos de mídia alternativa e alguns militantes políticos vinculados a partidos de esquerda, foi responsável pela realização de encontros nacionais em que foram feitas diversas reivindicações em prol da formulação de políticas públicas que garantissem a democratização do setor e que incentivassem a própria blogosfera. Além disso, foi criada por eles uma organização denominada Centro de Estudos de Mídia Alternativa Barão de Itararé, com o intuito de contribuir com *“uma maior organicidade e dinamismo a este movimento, lutando pela aplicação das resoluções da conferência”* (CENTRO DE ESTUDOS DA MÍDIA ALTERNATIVA BARÃO DE ITARARÉ, 2013).

Assim, o presente trabalho possui como objetivo analisar de que maneira o Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg) possibilitou o surgimento de estratégias de subversão no campo da comunicação no Brasil. O termo estratégias de subversão é oriundo da abordagem de campos sociais do sociólogo francês Pierre Bourdieu. No que diz respeito a sua justificativa, este estudo espera contribuir com a literatura que se propõe a investigar as organizações e o fenômeno do poder, pois de acordo com Faria (2003), os estudos sobre o poder devem ser capazes de revelar não apenas aquilo que é efetivamente expresso e manifesto, mas também aquilo que não pode ser expresso, que jaz oculto. Já no que tange às contribuições de aspecto empírico, a pesquisa poderá trazer elementos que ajudem a nortear os debates realizados pela sociedade civil com o intuito de se discutir a democratização da mídia no país, já que conforme Mielli (2009, p.9), *“a luta pela democratização das comunicações é (...) uma pauta emergencial a ser enfrentada”*.

## 2. Referencial Teórico

### 2.1 O poder na perspectiva de Bourdieu

O arcabouço teórico de Bourdieu (1989;1993) ajuda a se pensar na comunicação como um campo de produção cultural de larga escala, no qual indivíduos e grupos competem por recursos de poder para o exercício da dominação ou da subversão da ordem de tal espaço social. Para ele, os dominados nas relações de forças simbólicas lançam mão de estratégias com o intuito de subverter a ordem do campo, ou seja, esforçam-se pelo “*poder de definir os princípios de definição do mundo social em conformidade com os seus próprios interesses*” (BOURDIEU, 1989, p.124).

Segundo Anheier, Gerhards e Romo (1995), o posicionamento dos atores dentro desse espaço social, ou topografia, se dá de acordo com características econômicas, sociais e culturais. A topografia, em outras palavras, “é assim construída de forma que os agentes que ocupam posições similares ou vizinhas são colocados em condições similares e sujeitos a condicionamentos similares” (BOURDIEU, 1989b, p. 17).

Fazendo-se uma junção das duas definições acima, pode-se afirmar, portanto, que os diversos agentes inseridos em um determinado campo ocupam posições diferentes dentro dele, mas que também esse campo permite o fato de mais de um agente ocupar a mesma ou uma parecida posição pelo fato deles possuírem características ou recursos também similares. De acordo com Johnson (1993, p.6), em um campo qualquer, “os agentes ocupando as diversas posições disponíveis (...) travam uma competição pelo controle de benefícios ou recursos que são específicos para o campo em questão”.

Bourdieu (1989, p.124), entretanto, afirma que os dominados nas relações de forças simbólicas muitas vezes lutam para subverter a ordem do campo em que estão presentes, ou seja, esforçam-se pela autonomia ou o “poder de definir os princípios de definição do mundo social em conformidade com os seus próprios interesses”.

Nesse sentido, de acordo com Thiry-Cherques (2006, p.13), uma característica importante de qualquer campo social é o fato de nele ocorrer “uma dinâmica de concorrência e dominação, derivada das estratégias de conservação ou subversão das estruturas sociais”. O autor, nesse sentido, explica que uma vez que a distribuição de capital dentro do campo ocorre de maneira desigual, os campos acabam por vivenciar uma situação de conflito permanente, uma vez que “indivíduos e grupos dominantes procurando defender seus privilégios em face do inconformismo dos demais indivíduos e grupos”. Ainda, de acordo com Thiry-Cherques (2006, p.13):

As estratégias mais comuns são as centradas: na conservação das formas de capital; no investimento com vistas à sua reprodução; na sucessão, com vistas à manutenção das heranças e ao ingresso nas camadas dominantes; na educação, com os mesmos propósitos; na acumulação, econômica, mas, também, social (matrimônios), cultural (estilo, bens, títulos) e, principalmente, simbólica (status). A conotação que Bourdieu dá ao termo /estratégia/ não é a de um cálculo cínico pela maximização de utilidades, mas a da relação infraconsciente entre um *habitus* e um campo.

Dessa forma, fica claro a partir do trecho acima que o conceito de estratégia desenvolvido por Bourdieu deve ser pensado a partir de uma perspectiva diferente daquela comumente utilizada nos estudos organizacionais, em que tal conceito é sinônimo de ações calculadas e intencionais com o intuito de se atingir algum objetivo estabelecido *à priori*. Para ele, é possível que agentes pertencentes a grupos dominantes ou a grupos dominantes lancem mão de determinadas práticas sem que se deem conta de

seus atos, uma vez que tais ações são provenientes do próprio *habitus* no qual eles estão imersos.

Ainda, Thiry-Cherques (2006) explica que qualquer campo social em que há a distribuição desigual de diferentes espécies de capitais é formado por outros espaços menores, os subcampos, que seguem uma lógica semelhante à do campo em que estão inseridos. A dinâmica tanto do campo quanto a dos subcampos, segundo o autor, “é dada pela luta das classes sociais na tentativa de modificar a sua estrutura, isto é, na tentativa de alterar o princípio hierárquico (econômico, cultural, simbólico...) das posições internas ao campo”, sendo que “as classes ou frações sociais dominantes são aquelas que impõem a sua espécie de capital como princípio de hierarquização do campo” (THIRY-CHERQUES, 2006, p.14). O autor explica que “o campo do poder é uma espécie de “metacampo” que regula as lutas em todos os campos e subcampos” e, dessa forma, a configuração de tal espaço social “determina, em cada momento, a estrutura de posições, alianças e oposições, tanto internas ao campo, quanto entre agentes e instituições do campo com agentes e instituições externos” (THIRY-CHERQUES, 2006, p.14).

Já Emirbayer e Johnson (2008), ao também abordarem as diferentes estratégias que podem ocorrer em um campo organizacional, afirmam que, nessas lutas, podem-se encontrar duas estratégias de ação que são acentuadamente opostas: por um lado, uma estratégia de conservação por parte das organizações dominantes, em que seu objetivo primordial é preservar o princípio da hierarquização que é mais favorável para elas e para salvaguardar ou mesmo melhorarem a sua posição dentro desta hierarquia. Por outro lado, uma estratégia de subversão por parte das organizações dominadas, em que seus objetivos, ao contrário da primeira, consistem em transformar o sistema de autoridade dentro do campo, incluindo, potencialmente, as próprias regras do jogo por meio das quais ele funciona normalmente, para seu próprio benefício.

Bourdieu (1983) afirma que as estratégias de subversão são normalmente implementadas por aqueles que possuem pequenas expectativas de ganho a partir dos grupos dominantes. Assim, eles rompem radicalmente com os grupos dominantes por meio do desafio à legitimidade destes de definir os padrões do campo. Entretanto, o autor explica que independente da posição dos atores no campo, tanto os dominantes quanto os dominados partilham do mesmo interesse em preservar o campo de maneira geral. A questão é, portanto, como o campo será controlado. Quando novos atores entram no campo há sempre uma aceitação tácita das regras do jogo. Dessa forma, a luta é limitada a aspectos e formas particulares consideradas procedimentos profissionais legítimos do campo. Os novos entrantes, nesse sentido, são obrigados a pagar um investimento inicial por sua entrada. Isso envolve o conhecimento prático de como jogar o jogo e reconhecer seu valor (BOURDIEU, 1983). Ainda, afirma Bourdieu (1983, p.155):

Chamo de campo um espaço de jogo, um campo de relações objetivas entre indivíduos ou instituições que competem por um mesmo objeto... Num campo, e esta é a lei geral dos campos, os detentores da posição dominante, os que têm maior capital específico, se opõem por uma série de meios entrantes [...] Os recém-chegados possuem estratégias de subversão orientadas para uma acumulação de capital específica que supõe uma inversão mais ou menos radical do quadro de valores, uma redefinição mais ou menos revolucionária dos princípios da produção e a apreciação dos produtos e, ao mesmo tempo, uma desvalorização do capital detido pelos dominantes. [...] Mas a condição de entrada no campo é o reconhecimento da disputa e, ao mesmo tempo, o reconhecimento dos limites que jogo devem ser ultrapassados, sob pena de exclusão do jogo. Segue-se daí que da

luta interna só podem sair revoluções parciais, capazes de destruir a hierarquia, mas não o próprio jogo. (BOURDIEU, 1983, p.155)

A discussão sobre o que pode ser considerado como sendo *estratégias de subversão* com o intuito de alterar a ordem que rege a estrutura de um campo é extremamente importante no âmbito do presente trabalho, uma vez que aqui se analisa justamente um movimento que surgiu com o propósito de promover importantes alterações no interior do campo da comunicação no Brasil.

Nesse sentido, é importante mencionar que parte-se da perspectiva de que em nenhum momento Bourdieu afirma que os agentes não possuem margem de ação para alterar ou subverter a estrutura de um campo social. Trabalhos como o de Catani, Catani e Pereira (2001), por exemplo, foram importantes por fazerem uma crítica à maneira pela qual a obra de Bourdieu foi apropriada no Brasil. Para eles, a obra de Bourdieu acabou sendo aprisionada na dicotomia *reprodução versus transformação* que ele mesmo combateu. Assim, Catani, Catani e Pereira (2001, p.10) enfatizam que, para Bourdieu, “as resistências individuais e coletivas existem sempre, são componentes inelimináveis do processo de reprodução social”, mas que o problema recai na existência de uma “forte adesão *dóxica* dos agentes sociais à ordem estabelecida”. Nessa linha, Almeida (2005, p. 139) também afirma que, “contrariando o caráter reprodutivista conferido à teoria de Bourdieu”, procura mostrar que, “ao desvelar os mecanismos de manutenção da sociedade, o autor revela a fragilidade do processo e as possibilidades de transformação social”.

Ainda, autores de outras áreas também vêm utilizando a perspectiva de Bourdieu como forma de se estudar, por exemplo, outros fenômenos sociais. Misozcksy (2009), por exemplo, afirma que a teoria de campo pode ser valiosa para se estudar, por exemplo, a luta empreendida por movimentos sociais, desde que se entenda que a noção de campo desenvolvida por Bourdieu possui um caráter conflitivo, uma vez que a organização do mundo social assim se apresenta.

Com base na visão dos pesquisadores anteriormente citados, reforça-se aqui a ideia de que a abordagem de Bourdieu, enquanto de fato desvenda os mecanismos por meio dos quais ocorre o reforço e a reprodução das diferenças que distinguem socialmente os agentes pertencentes a distintos grupos no interior de um campo, também pode ser utilizada para que se analise justamente os mecanismos por meio dos quais as táticas de subversão podem ser adotados por agentes em posição distinta à dos grupos dominantes e que levam justamente à organização das lutas sociais.

Neste trabalho, o campo escolhido para a análise é constituído por diferentes indivíduos, grupos e organizações ligados ao setor da comunicação no Brasil. Trabalha-se com a ideia de que tais grupos e organizações, atuando como agentes ou atores sociais, disputam entre si propriedades ou recursos de poder que as permitem alcançar uma posição de destaque neste espaço social. Presume-se que o advento das tecnologias de informação e comunicação fez com que a estrutura do campo da comunicação no Brasil fosse modificada, configurando-se, assim, como um fator que causou a modificação da ordem até então estabelecida.

## **2.2. Ciberativismo, Resistência Online e a Luta pela Democratização da Informação**

As inúmeras possibilidades que as novas tecnologias de comunicação oferecem a diferentes setores da sociedade civil para que estes possam difundir seus pontos de vista

sem passar pelo filtro da grande mídia é um fenômeno que também vem chamando já há algum tempo a atenção de estudiosos da mídia no contexto internacional, especialmente aqueles filiados a perspectivas mais críticas existentes nesse campo.

Russel (2005), por exemplo, estabelece uma relação entre as novas formas de ativismo por meio da internet e o que ela denomina como resistência digital, ou seja, práticas opositivas levadas a cabo por grupos diversos na web e que ocorrem de forma explícita, possuindo como característica principal o fato de atuarem em rede, estando “disponível para cópia e adaptação pela vasta maioria de usuários de qualquer lugar” (RUSSEL, 2005, p.514). A autora explica que diversos grupos aos quais foram negados o direito de comunicarem-se ou difundirem suas informações, agora exercem formas de resistência às barreiras e filtros a eles impostos por parte da mídia *mainstream*, bem como a formulação de estratégias diversas (RUSSEL, 2005).

Moraes (2000), por sua vez, afirma, que, no Brasil, organizações as mais diversas da sociedade civil encontram na esfera virtual possibilidades de difundir suas reivindicações e, para tal, sobrepujam os “filtros ideológicos e as políticas editoriais da chamada grande mídia” (MORAES, 2000, p.142). Ainda, o autor explica que tais grupos têm a pretensão de disseminar suas idéias, obter o máximo de intercâmbios, interagir com quem quer apoiar, criticar, sugerir ou contestar e, por fim, “driblar o monopólio de divulgação, permitindo que forças contra-hegemônicas se expressem com desenvoltura, enquanto atores sociais empenhados no alcance da cidadania e justiça social” e formam o que ele denomina como sendo uma “militância online” (MORAES, 2000, p.142).

A Internet, para Moraes (2010), deve ser então concebida como uma arena de lutas ou conflitos pela hegemonia, na qual a comunicação alternativa produzida pelos ciberativistas é caracterizada pelo viés-anticapitalista e pela defesa da liberdade de expressão e dos direitos à cidadania, representando uma tentativa de romper com crivos e controles da mídia tradicional. O autor adota como premissa a idéia, baseada no conceito de comunicação alternativa desenvolvida pelo Foro de Medios Alternativos, realizado na Argentina no ano de 2004, de que o conceito de comunicação alternativa ou de alternatividade, conforme destaca o autor, está fundamentado em uma dupla inserção ideológica de um novo projeto comunicacional, ou seja, um alinhamento com processos de mudança social e um combate de modo sistemático ao sistema hegemônico.

Assim, para Moussa (2013), a mídia alternativa é frequentemente definida por meio da comparação e do contraste com a grande mídia e do que esta representa. A ênfase sobre a forma de organização e sobre o processo de trabalho, e não apenas no conteúdo, é um argumento generalizado entre os críticos da mídia de massa que argumentam que a mídia convencional é organizada de forma não democrática e, ao mesmo tempo, é predominantemente mercantilizada.

Carroll e Hackett (2006, p. 84) formulam esta ideia claramente através da diferenciação entre dois conceitos distintos, mas relacionados, qual sejam, os de “democratização dos meios de comunicação” e de “democratização através dos meios de comunicação”. Enquanto o primeiro demarca um campo em que ativistas de mídia tentam promover diferente ou formas alternativas de organizar a mídia, o segundo não se limita ao último, mas também pode ser o objetivo de governos, entidades da sociedade civil e instituições diversas que tentam promover a democracia no seio da sociedade.

Outros autores observaram que os movimentos sociais fazem uso estratégico da mídia em sua ação, dentre outras coisas, para abranger o escopo do conflito. No entanto, por causa da relação assimétrica existente entre mídia e os movimentos sociais, estes últimos devem usar estratégias e ferramentas alternativas para fugir ao controle da grande mídia, a fim de dar suporte a suas lutas e se comunicar com outros indivíduos já identificados ou potencialmente interessados em suas causas.

Hamilton (2000), por exemplo, afirma que, se a comunicação é o meio pelo qual relações sociais são constituídas e praticadas, a mídia alternativa também deve propiciar a comunicação alternativa, o que torna possível a articulação de uma ordem social diferente e muitas vezes oposta à ordem dominante. Dessa forma, Carroll e Hackett (2006) explicam que para vários militantes na esfera digital a mídia pode ser considerada tanto um meio como um fim para suas diversas lutas em prol da democratização dos meios de comunicação e da crítica ao controle corporativo da comunicação de massa.

Dessa forma, Carrol e Hackett (2006) esclarecem que o ativismo de mídia que é democrático e progressista - no sentido de procurar uma divisão mais igualitária de recursos e *status* político, econômico, social, cultural e/ou informacional. Eles argumentam que tal tipo de ativismo na sociedade civil é uma força motriz chave (embora não a única) de democratização da mídia.

Por fim, autores como Poster (2002) afirmam não acreditar que o espaço político que se está abrindo ou que pode ser aberto na Internet seja um reino utópico de igualdade e liberdade. Nesse sentido, o autor parece ir ao encontro de advertência feita por outros autores como Moraes (2000; 2007) de que não se deve celebrar a esfera da Internet como um espaço dotado por uma plena igualdade entre os atores que nela atuam, uma vez que tais tecnologias foram criadas e continuam sendo apropriadas pelo modelo capitalista neoliberal, sendo elas essenciais, especialmente para atores de peso como o mercado financeiro. Entretanto, Poster (2002) também afirma que a Internet pode introduzir formas políticas pós-nacionais devido à sua arquitetura interna, seu novo registo de tempo e espaço, sua nova relação do ser humano com a máquina, do corpo à mente, o seu novo imaginário, e sua nova articulação entre cultura e realidade.

### **3. Metodologia**

O presente trabalho, conforme afirmado anteriormente, pode ser caracterizado como sendo de natureza qualitativa, sendo o tipo de corte o seccional com perspectiva longitudinal e o nível de análise o campo organizacional (VIEIRA, 2004). A pesquisa, também, pode ser classificada como sendo de caráter descritivo-explicativo (VERGARA, 2004).

Para a elaboração do presente estudo, os dados foram coletados em livros que narraram a trajetória do campo, publicações acadêmicas, reportagens de jornais e/ou revistas e páginas disponíveis na internet. As informações coletadas nessa fase permitiram compreender, ainda que de forma inicial, os eventos considerados mais significativos na história do campo, as organizações que nele atuavam no passado e que atuam no presente momento. A coleta de dados proveniente de tais fontes impressas e eletrônicas foi também essencial para que se caracterizassem os papéis desempenhados pelos principais agentes que ocuparam o campo da mídia ao longo do tempo.

Quanto aos eventos observados, foram eles: I Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas (2010), II Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas (2011), I

Encontro Estadual de Blogueiros Progressistas - RJ (2011), Conferência do Desenvolvimento do IPEA (2011), III Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas (2012), II Fórum Mundial de Mídia Livre (2012) e WEBFOR – Fórum Nacional de Comunicação Digital (2013). A obtenção de dados relativos ao campo da comunicação foi essencial para identificar as condições que tornaram possível o surgimento do *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)* no âmbito desse campo.

Após a consecução da etapa acima, foi realizada coleta de dados em fontes disponíveis tanto por meios eletrônicos, mais especificamente na Internet. Dessa forma, foram selecionados *posts* publicados em *sites* e *blogs* políticos detidos por indivíduos, grupos ou organizações que possuam algum tipo de identificação com o movimento aqui analisado, o *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)*.

Por fim, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com perguntas relativas à história do campo e sua trajetória ao longo dos anos, aos agentes que compõem tal espaço social nos dias atuais, à questão das novas tecnologias digitais e suas principais características, ao fenômeno do ciberativismo e às práticas organizativas implementadas pelo movimento. Assim, a composição das entrevistas ocorreu da seguinte forma: seis blogueiros responsáveis pela criação do movimento em âmbito nacional, sendo um deles atualmente responsável pelo Centro de Estudos Barão de Itararé, dois blogueiros que exercem funções organizativas no movimento em âmbito estadual (RJ), um blogueiro que, apesar de não estar ligado diretamente ao movimento, possui relações com seus integrantes, além de conhecer sua trajetória; e nove ativistas digitais vinculados ao *BlogProg* e que se tornaram conhecidos no campo devido à intensidade de suas militâncias.

Já o tratamento dos dados deste trabalho foi feito por meio de análise interpretativa, tendo como base o referencial aqui utilizado e tendo sido os relatos dos entrevistados agrupados em função das categorias utilizadas na análise.

#### **4. Análise dos Dados**

##### **4.1. Campo da Comunicação, Surgimento da Blogosfera Política Alternativa e a Criação do Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg).**

A caracterização do **campo da comunicação**, realizada a partir das análises dos dados coletados, indicou que os elementos percebidos por seus agentes como sendo aqueles que mais contribuíram para a gênese de uma blogosfera política alternativa no interior do campo foram predominantemente de ordem política e tecnológica. O surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, aliado a uma crescente insatisfação por parte de alguns grupos da sociedade civil com relação ao viés conservador das organizações da mídia tradicional, foram responsáveis pelo surgimento de diversos *blogs* na Internet que tinham como intuito expressar pontos-de-vista políticos distintos aos da grande mídia e fazer a crítica desta última. Paralelamente, diversas iniciativas foram ocorrendo por parte desses grupos que tinham como intuito não apenas aproximar blogueiros críticos à mídia tradicional, mas também promover debates sobre a situação da mídia no Brasil, dominada por algumas poucas organizações que detinham o controle quase absoluto da produção e distribuição de notícias no país.

Foi possível verificar ainda que o ano de 2010, entretanto, foi particularmente importante por promover alterações significativas no universo da **blogosfera política alternativa** no Brasil. Como reação ao que blogueiros e ativistas digitais percebiam



como um processo de crescente partidização da grande imprensa na cobertura das eleições presidenciais, um grupo de blogueiros reuniu-se para organizar um movimento que pudesse exercer um contraponto às opiniões veiculadas pela mídia tradicional, que fosse capaz de contrabalancear o poder de influência que elas detinham, bem como influenciar a própria disputa eleitoral que ocorria naquele ano. Surgiu, então, o ***Movimento dos Blogueiros Progressistas (BlogProg)***, organizado em sua maioria por blogueiros provenientes da mídia tradicional que haviam tido divergências com esta última, e também blogueiros provenientes de outros campos ligados em sua maioria ao campo da política e a movimentos sociais. O presidente do *Barão de Itararé*, Altamiro Borges, ao explicar as razões que fizeram com que o movimento *BlogProg* surgisse, corrobora essa afirmação ao dizer que:

Ele nasce muito vinculada ao momento político. [...] Nasceu na reunião que fundou o Barão de Itararé. O Barão de Itararé foi fundado, é isso, em 10 de Maio se eu não me engano. Nessa reunião você já tinha alguns blogueiros. Tava lá o Azenha, tava o Rodrigo Viana, tava o Paulo Henrique Amorim, o Nassif, que são esses blogueiros desse campo, com visões muito diferentes cada um. [...] E aí o Azenha falou: 'pô, é isso, nós estamos replicando um o texto do outro e não nos conhecemos. Vamos nos conhecer. Vamos fazer um encontro que tenha lá, e tava muito forte, o que... Isso se deu em Maio de 2010 em plena campanha presidencial. E já tinha uma... Uma... Já tinha um incômodo, uma reação forte ao que a mídia tradicional tava fazendo com relação à campanha (Entrevista Altamiro Borges).

Tal movimento vai ao encontro do fenômeno retratado por Russel (2005) e por Moraes (2010) que está relacionado ao surgimento de práticas ciberativistas e tentativas de rompimento dos crivos e controles exercidos pela mídia *mainstream*. O trecho a seguir evidencia o que o movimento compreende pelo termo blogosfera progressista:

A blogosfera é produto dos esforços de pessoas independentes das corporações de mídia, os blogueiros progressistas, designação que alude àqueles que, além de seus ideais humanistas, ousaram produzir o que já se tornou o primeiro meio de comunicação de massas autônomo. (CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS, 2010).

Além disso, os agentes pertencentes ao campo, que fundaram o movimento, criaram uma organização denominada *Centro de Estudos da Mídia alternativa Barão de Itararé*, cujo objetivo principal era coordenar os esforços dos diferentes blogueiros e ativistas digitais que lutam pela democratização do campo da comunicação, organizar os principais eventos promovidos pelo movimento e, ainda, coordenar as estratégias traçadas pelos agentes como forma destes atingirem seus objetivos. O surgimento do *BlogProg*, portanto, contribuiu significativamente para a consolidação da blogosfera política alternativa no Brasil, uma vez que ela tornou-se mais coesa e menos fragmentada, como ocorria até então.

Os agentes responsáveis pela criação do *BlogProg*, ainda, tomaram a importante decisão de realizar regularmente encontros nacionais e estaduais de blogueiros em que se pudesse discutir assuntos de interesse dos participantes do movimento e, ainda, estipular estratégias para que o principal objetivo do movimento pudesse ser alcançado, qual seja, pressionar os agentes públicos para a implementação de políticas públicas que garantam a democratização da mídia e que impeçam o monopólio por parte das grandes organizações. Como resultado, o movimento *BlogProg* acabou ganhando destaque perante outros agentes relevantes, sendo mencionado (ainda que negativamente) por importantes veículos da mídia tradicional nacional, e, ainda, alcançou uma importante demonstração de força quando alguns de seus principais representantes conseguiram obter uma entrevista coletiva exclusiva por parte do presidente da república à época.

Com relação aos **principais agentes** que compõem a blogosfera política alternativa no Brasil e, conseqüentemente, o movimento BlogProg, podem ser mencionados - a partir da análise dos dados coletados - quatro grupos: **agentes blogueiros-jornalistas**, **agentes blogueiros-militantes**, **agentes militantes** e **agentes-organizacionais** diversos.

Os agentes blogueiros-jornalistas são o grupo formado pelos jornalistas oriundos da mídia tradicional que foram precursores da blogosfera política alternativa e que continuam a exercer um papel de destaque dentro dela. Os agentes blogueiros-militantes são o grupo formado também por blogueiros, mas que possuem uma atuação mais caracterizada pela militância política, a favor da bandeira da democratização da mídia ou em prol da cultura digital. Já o grupo formado pelos agentes-militantes é constituído por um grande número de pessoas que, apesar de não exercerem o papel de blogueiros, também em sua maioria milita pelas mesmas causas do segundo grupo. Uma vez que simpatizam com as publicações do primeiro ou do segundo grupo, portanto, esses militantes, leitores e comentaristas freqüentemente as reproduzem nas redes sociais como o *Facebook* ou o *Twitter*. Por fim, o grupo formado pelos agentes-organizações é constituído por diferentes organizações que também se envolvem ou militam pelas mesmas causas que os grupos anteriores, especialmente a militância de caráter político ou em prol da democratização da comunicação. Neste grupo, podem ser incluídos movimentos sociais diversos, entidades de representação dos trabalhadores, partidos políticos, fundações, veículos de mídia alternativa e organizações como o *Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé* e a Organização Não-Governamental *Movimento dos Sem Mídia* (MSM), esta última criada por um blogueiro-militante cuja atuação se tornou extremamente conhecida na blogosfera política alternativa.

Já no que diz respeito aos **recursos de poder** detidos por esses diferentes grupos de agentes, parece ser possível afirmar que os **agentes blogueiros-jornalistas** possuem principalmente o **capital informacional**, o **capital simbólico** por eles já acumulado em seus campos de origem e, por fim, o **capital econômico-financeiro**. O capital simbólico acumulado por estes jornalistas, especialmente na televisão e, também, em jornais e revistas impressas, contribui significativamente para que eles obtenham informações valiosas perante agentes pertencentes a outros campos e que são aproveitadas nos *posts* que eles publicam em seus *blogs*. Também, esse mesmo capital simbólico é essencial para que tais agentes consigam obter capital econômico-financeiro proveniente de publicidade de algumas organizações públicas e privadas. Os trechos abaixo corroboram essa afirmação:

Em primeiro lugar, eu acho que eles têm informação privilegiada. [...] Quer dizer, sem contar que elas são pessoas que no decorrer do tempo se tornaram pessoas dignas de credibilidade (Entrevista Ativista digital 8).

Só dois blogs têm anúncios de empresas estatais, os de Paulo Henrique Amorim e Luis Nassif. Isso porque esses dois jornalistas são expoentes da televisão e, assim, atraem anunciantes públicos e privados. Quanto ao resto da blogosfera, a mídia mente na cara dura. Inventar (GUIMARÃES, 2012).

Já no que diz respeito ao capital detido pelo grupo formado pelos **agentes blogueiros-militantes**, parece ser possível dizer que aquele está relacionado especialmente às **novas tecnologias de informação e comunicação** e ao próprio **capital político** que eles acumularam em suas experiências de vida, uma vez que muitos são ligados a partidos políticos ou se vinculam a movimentos sociais em prol de causas diversas. Tais tipos de capital, portanto, são o principal tipo de recurso utilizado por eles

para combater a mídia tradicional e para difundir seus pontos de vista, como os trechos abaixo indicam:

Eu aprendi o seguinte... É muito difícil você marcar nome, fazer nome na blogosfera. Geralmente isso tá associado ao sujeito ter alguma representatividade, seja na TV... Eu por conta do meu ativismo político. Eu não me resumo, não me restrinjo a fazer um *post* lá e publicar minha opinião, tal... Eu sou um cara que eu fui até pra um certo enfrentamento, entrei com ação na justiça, tenho uma historia comprida. Então eu acabei me tornando realmente conhecido. Outros são conhecidos porque estão na mídia, agora a maioria tá ali naquela batalha, então ele tem ali aqueles leitores, mas é uma coisa mais localizada (Entrevista Eduardo Guimarães).

Eu tô na Internet de maneira sistemática desde 1997 [...] Eu entrei na Internet via uma coisa engraçada, literária, eram listas de poesias, crônicas, listas lusófonas, escritoras de todo canto do Brasil, Portugal e um pouco África. E aí essa dinâmica das listas, e depois dos fóruns, acabou indo pra rede [...] discussões que passam um pouco por essa questão, feminismo, homofobia, enfim, coisas que eu acho que a gente precisa combater para ampliar a cidadania em um país tão injusto, tão desigual como o nosso. [...] O meu foco são os movimentos sociais, é movimento social e garantia de direitos. É trazer dentro do blog, fazer um debate que não se faz (Entrevista Conceição de Oliveira).

Já o grupo formado pelos **agentes militantes** possui como importantes recursos de poder os **capitais tecnológico e social**. O primeiro permite que milhares de indivíduos interfiram no processo de produção de conteúdo, emitam suas opiniões e reproduzam as publicações dos grupos formados pelos blogueiros, consolidando ainda mais o capital simbólico por estes acumulados. Já o capital social também é bastante importante para que a blogosfera seja fortalecida, tanto no âmbito *online* quanto no *offline*, como afirmam os entrevistados abaixo:

O movimento de blogueiros não é uma ação coletiva, é uma ação individual, cada um tá atrás do seu computador escrevendo um bocado de besteira que acaba se combinando, que têm proximidade política... Eu gostei das suas ideias, você gostou da minha ideia... Tem afinidades políticas... Mas cada um tá atrás do seu computador, não é uma ação coletiva, né? Acaba se tornando uma ação coletiva por que... Mas é uma ação em que cada indivíduo tá no seu computador, no seu laptop, e tal (Entrevistado Altamiro Borges)

Os blogs que conseguem gerar mais conteúdo próprio tem uma rede infernal, por outro lado, de disseminação dessas informações, então são milhares, centenas ou milhares de ativistas que pegam esse conteúdo e disseminam pelas redes. A diferença é que hoje você não tem só blogs, têm as redes, a gente poderia ter até uma discussão de um próximo encontro que não seria de blogueiros progressistas, seriam de blogueiros e ativistas digitais ou até mais de ativistas do que de blogueiros, talvez vai chegar um momento em que o foco vai estar mais nos ativistas do que nos blogueiros (Entrevista Rodrigo Vianna).

Com relação ao grupo formado pelos **agentes-organizações**, parece ser possível afirmar que são diversos os tipos de capitais pertencentes a eles, justamente pelo fato dessas organizações serem marcadas pela característica da diversidade. Dentre os principais recursos identificados, podem ser citados os **capitais econômico-financeiro, cultural, político e simbólico**. Com relação à organização que pode ser considerada como sendo central para o movimento, o *Barão de Itararé*, o tipo de recurso que a ela confere essa posição é o **capital social**. Tal tipo de capital está relacionado ao próprio papel exercido por essa organização, que é o de articular os blogueiros que se

identificam com a luta pela democratização da mídia e, ainda, o de organizar os próprios encontros nacionais de blogueiros que ocorrem de forma regular.

Pra você conseguir ter o trabalho da representação, da organização, passa muito pela direção, pela liderança, é onde eu bato palma pro Miro, porque o Miro é um exemplo de líder contagiante no âmbito desse movimento. Ele é um catalizador, é uma referencia histórica, inclusive, ele é um protagonista efetivo. O papel do que significa o Barão de Itararé é muito importante. [...] Eu vejo o Barão como um irradiador de uma nova consciência, uma nova visão do que seja participação cidadã numa sociedade democrática (Entrevista Alexandre Teixeira).

Eu montei uma teia uma rede que me permitiu em um dado momento fazer um projeto próprio que é a revista Fórum. Que tem uma participação dos movimentos sociais sindicais na compra de exemplares, eles ajudam a financiar o veículo. Enfim, isso é o que acaba desembocando no ativismo atual na blogosfera. Eu percebi muito cedo também que a Internet ia ser um espaço importante de ação, para debater as questões da democratização da mídia, como a democratização da sociedade. Que ela é um espaço em disputa... (Entrevista Renato Rovai).

Nesse sentido, é possível perceber que os grupos de agentes que lutam por uma posição mais privilegiada no campo da comunicação, com o intuito de tornarem seu discurso crível perante a sociedade, lançam mão de diferentes práticas de contestação que vão ao encontro daquilo que Bourdieu denomina como sendo **estratégias de subversão** da ordem de um campo. Tais estratégias são analisadas de forma mais detalhada no item a seguir.

#### 4.2. As Estratégias de Subversão

Os discursos dos entrevistados, as observações participantes realizadas nos eventos do campo e os textos analisados a partir dos *blogs* selecionados possibilitaram a identificação de um **conjunto de práticas** adotadas pelos agentes que pertencem à blogosfera política alternativa que permitem não apenas com que eles desafiem as organizações vinculadas à mídia tradicional, mas por meio das quais se tenta também reverter as regras e a ordem dominante estabelecidas nesse espaço. Assim, as **estratégias de subversão** identificadas ao longo do trabalho puderam ser caracterizadas como sendo um conjunto de **micropráticas** e de **macropráticas** adotadas pelos agentes.

As **micropráticas** possuem como principal característica o fato de serem utilizadas, sobretudo, de maneira inconsciente ou infraconsciente, por meio das interações cotidianas entre blogueiros e ativistas digitais na própria esfera virtual e fundamentadas nas **experiências e trajetórias** dos agentes, ou seja, em seu **conhecimento tácito**. Dessa forma, o constante **compartilhamento** de textos contendo posições políticas diferentes daquelas da mídia tradicional; a **reprodução** de imagens diversas nas redes sociais em que se demanda, por exemplo, a democratização da comunicação no Brasil; os **protestos** contra o monopólio dos grandes veículos de comunicação que são organizados na esfera virtual e que depois se concretizam nas ruas, bem como os **encontros informais** entre os ativistas críticos à mídia tradicional, podem ser consideradas como os exemplos mais representativos de **microações** que são implementadas por blogueiros e ativistas digitais em seu dia-a-dia e que não são elaboradas a partir de planejamentos elaborados, sendo desprovidas de um alto grau de racionalidade. Os trechos a seguir indicam tais características:

Eu faço veículo, eu sou editor, então eu acho que é assim... A grande ação que a gente faz é tentar produzir produtos de comunicação na Internet [...] Mas se você me perguntar se eu planejo as ações, elas são muito na lógica do que a gente vai

vendo que tem potencialidades e o que a gente consegue contribuir de algum jeito, a gente vai fazendo (Entrevista Renato Rovai).

Eu uso o humor. Acho que na internet funciona a picardia e o humor, ironia, Às vezes as pessoas não entendem. (Entrevista Rodrigo Vianna).

O pessoal que produz conteúdo me municia para que trafique essas informações, aglutine os produtores dessa informação e gere novos conhecimentos [...] Eu também trabalho basicamente com humor (Ativista digital 1).

Na verdade eu sou um disseminador. Eu não escrevo, vou deixar bem claro(Ativista digital 2).

Transformar numa linguagem bem acessível [...] É facilitar aquilo ali, transformar aquilo numa coisa, pelo menos sei lá suportável. Eu acho que o meu é esse, o que eu puder transformar numa coisa acessível vou transformar [...] Facilitar, como a televisão não faz pros caras entendeu? (Ativista 3).

Diante disso, tais práticas são também entendidas por alguns agentes como ações de guerrilha, conforme o trecho a seguir:

Eu acho que hoje para atingir esse objetivo de uma visão crítica a essa mídia tradicional, você tem vários mecanismos. O blog ele é um instrumento, ele é um instrumento, é isso. [...].. a blogosfera tem isso... Ela tem que ser livre, [...] Com esse ativismo digital você tá fazendo uma guerrilha contra um exército regular muito poderoso [...]. Então eu acho que são várias frentes que você tem que usar, utilizar, participar para atingir esse intento que eu chamei de... Um combate a essa mídia tradicional (Entrevista Altamiro Borges).

Além das práticas acima mencionadas, a disputa que blogueiros e ativistas digitais travam no interior do campo costumam consolidar-se por meio de estratégias mais complexas e que estão diretamente relacionadas à organização do movimento.

As **macropráticas** de subversão foram identificadas no trabalho como aquelas práticas de subversão adotadas especialmente pelos agentes vinculados ao *BlogProg*, movimento este que exerce um peso considerável no âmbito da blogosfera política alternativa. Diferentemente da natureza das práticas anteriores, as macroestratégias podem ser caracterizadas como dotadas de um **planejamento mais elaborado** por parte dos agentes e de **maior intencionalidade** e, também, são orientadas por um grau de **racionalidade** maior do que as outras. Isto é explicado em função do *BlogProg* ser um movimento social organizado que possui **objetivos bem definidos** e que para tentar atingi-los, conseqüentemente, **formaliza suas ações**.

Ao se tentar identificar as principais macroestratégias de subversão levadas a cabo pelo movimento *BlogProg*, analisou-se primeiramente as características organizacionais por ele adotadas. Ficou claro que estas se baseiam em um modelo de organizar que foge à lógica presente no modelo de negócios das organizações dominantes do campo. Já as práticas de subversão estão relacionadas principalmente às táticas que seus agentes implementam como forma de se contrapor ou mesmo de reagir às práticas dominantes dos grandes veículos de comunicação.

Dessa forma, o movimento *BlogProg* claramente adota **práticas organizacionais** que privilegiam as características da **horizontalidade, descentralização e participação** no que tange à sua estrutura. A adoção dessas características não é fruto tão somente da vontade dos que exercem cargo no movimento, mas são quase naturais, tendo em vista que a própria **esfera virtual** facilita o surgimento de um novo modelo de comunicação que as contempla. Ao incorporar tais características, o movimento conseguiu claramente crescer desde que foi criado, se consolidou em diversas regiões do país e, também, viu a

entrada de diferentes grupos da sociedade civil que se identificam com a mesma **luta** na qual ele se engajou. Tais características são apresentadas nos trechos a seguir:

É um movimento muito horizontal ele não tem uma estrutura organizativa, não tem nada, direção nem lei. Não tem nada disso. Ele é muito em rede, ele é a expressão do que é o ativismo digital, ele não tem... Não é uma coisa burocratizada né? O que eu acho que é fundamental para gente sobreviver, por que como ele é muito diverso (Entrevistado Altamiro Borges).

Tem isso, tem essa coisa muito horizontal do movimento.[...] Ninguém delega poder pra nós e vice-versa, a gente é um movimento que é horizontal, e a gente quer que continue assim (Entrevista Conceição Oliveira).

Entretanto, parece evidente que o movimento *BlogProg*, ao mesmo tempo em que busca adotar as características anteriormente citadas, foi obrigado a se **institucionalizar** minimamente e a incorporar uma **lógica mais instrumental** em suas ações como forma de dar continuidade à sua luta, alcançar seus objetivos e também se **contrapor às estratégias de reprodução** implementadas pela mídia tradicional como forma de reafirmar seu poder simbólico no campo. Além disso, o movimento conta com a estrutura do *Barão de Itararé*, que disponibiliza seu espaço para as reuniões da comissão nacional e também é responsável pela organização dos eventos promovidos pelo movimento.

Um importante exemplo de estratégia de subversão implementada pelos agentes vinculados ao movimento foi a decisão de se **criar um fundo de recursos financeiros e de auxílio jurídico** para serem disponibilizados a blogueiros que porventura fossem alvo de processos judiciais por parte das grandes organizações da mídia tradicional. O fundo se constitui em um exemplo de **ação planejada** que visa não apenas evitar que blogueiros políticos críticos à mídia tradicional sejam objeto de algum tipo de sanção no campo, mas claramente reforça a vontade dos grupos de contestação de continuarem a jogar o jogo e a desafiar os agentes dominantes, conforme indicam os trechos abaixo:

Nasce daí a ideia de um fundo que tá sendo organizado pelo... Pelo Barão de Itararé, Centro de Estudos de Mídia Barão de Itararé. [...] Justamente pra poder escolher alguns casos e ajudar os blogueiros que não tenham condições de se defender na justiça. (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Ser contra qualquer tipo de censura ou restrição à internet. No Legislativo, continua em tramitação o projeto [...] de controle e vigilância sobre a internet – batizado de AI-5 Digital. Ao mesmo tempo, governantes e monopólios de comunicação intensificam a perseguição aos blogueiros em várias partes do país, num processo crescente de censura pela via judicial. A blogosfera progressista repudia essas ações autoritárias. Exige a total neutralidade da rede e lança uma campanha nacional de solidariedade aos blogueiros perseguidos e censurados, estabelecendo como meta a criação de um “Fundo de Apoio Jurídico e Político”. (CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS, 2011, s/p).

Outro exemplo de estratégia de subversão importante levada a cabo pelos agentes do movimento é o de **convidar agentes públicos** a seus eventos, para que a discussão sobre a implementação do marco regulatório da comunicação seja feita nesse espaço, o que possibilita que algum tipo de pressão seja exercido e, ao mesmo tempo, faz com que o movimento adquira **reconhecimento** por parte de agentes de outros campos importantes, como o da política:

No processo de preparação do II BlogProg foram realizados 14 encontros estaduais e dois regionais, que reuniram 2.180 ativistas digitais. A presença de jovens, que

encontram na internet uma nova forma de militância e não têm vida orgânica em partidos ou sindicatos, foi uma das marcas destes encontros. O segundo aspecto positivo é que o movimento adquiriu maior legitimidade, cacifando-se como um ator relevante na luta política e de idéias na sociedade. O ex-presidente Lula participou da abertura do evento, fazendo duras críticas à partidização da mídia hegemônica e efusivos elogios à blogosfera por seu papel na democratização da informação. O ministro das Comunicações, Paulo Bernardo, demonstrou uma postura aberta ao enfrentar as críticas dos blogueiros às limitações do PNBL e à ausência do projeto de regulação da mídia [...] (BORGES, 2011, s/p)

Ainda, as próprias demandas estipuladas pelo movimento e que se encontram listadas nas **cartas dos encontros nacionais** podem ser vistas como sendo a defesa de outro modelo de comunicação diferente daquele defendido pela mídia tradicional. A defesa enfática de políticas públicas que garantam a liberdade na blogosfera, a distribuição dos recursos advindos de publicidade oficial de maneira mais equilibrada que considere também os *blogs*, bem como a **defesa do marco civil da Internet** que garanta a neutralidade da rede, são exemplos de reivindicações claras do movimento que orientam a atuação daqueles que dele fazem parte e que levam o movimento a se institucionalizar minimamente, até mesmo para que ele possa adquirir maior coesão e, assim, maior peso simbólico.

Já outro aspecto que vale a pena destacar é a de que as estratégias de subversão colocadas em prática por agentes dentro de um campo dominado em sua maioria por organizações, ainda que sejam orientadas por um desejo de promover transformações revolucionárias no campo por meio da defesa de práticas opostas às práticas dominantes, ainda assim muitas vezes são obrigadas a incorporar algumas práticas ou elementos que também estão presentes nestas últimas.

Como exemplo, dessas **contradições**, pode-se mencionar a **importância que o capital econômico-financeiro** exerce também para os agentes da blogosfera política alternativa. A necessidade por parte dos blogueiros políticos alternativos de darem continuidade às suas atividades em meio às dificuldades por eles enfrentadas e também de produzirem conteúdo próprio fizeram com que alguns deles buscassem formas independentes de financiamento. Assim, da mesma forma que alguns veículos da mídia tradicional passaram a cobrar por parte de seu conteúdo *online*, alguns blogueiros vinculados à blogosfera política alternativa também lançaram mão de recursos tais como a produção de conteúdos exclusivos para assinantes ou áreas em que o leitor pode patrocinar o próprio *blog* ou financiar reportagens específicas. Tais práticas são importantes pelo fato de permitirem que alguns blogueiros possam, inclusive, se dedicar profissionalmente a seus *blogs*. A importância do capital econômico também é evidenciada na preocupação por parte de muitos blogueiros no que diz respeito à **distribuição da verba de publicidade do Estado**. Uma vez que tal política é central tanto para os grupos dominantes quanto para os grupos de contestação, ela se tornou objeto de **disputa** acirrada entre ambos.

Outro exemplo é o incentivo para que pequenos blogueiros se profissionalizem e **potencializem a utilização das tecnologias** a eles disponíveis. Isto está relacionado, evidentemente, não apenas à necessidade dos agentes de contestação adquirirem recursos necessários para a sua atuação, mas, também, se deve à força exercida pelo *habitus* dos principais agentes desse segmento do campo. Assim, uma vez que os agentes com mais recursos de poder são jornalistas oriundos da mídia tradicional, é natural que ocorra uma **pressão por maior profissionalização** na blogosfera política alternativa.

Porém a questão da profissionalização é vista por alguns entrevistados como algo problemático. O blogueiro Rodrigo Vianna, em sua entrevista, afirmou que existe uma tentativa de se **institucionalizar** mais a blogosfera, inclusive por meio da criação de blogs que se caracterizem como equipes. Ele demonstrou, entretanto, não compartilhar da idéia de que a blogosfera deva ser mais institucionalizada e profissionalizada, uma vez que isso pode representar certa **perda de autonomia** por parte do responsável por aquele blog:

Tem várias tentativas de institucionalização de produção de conteúdo próprio né, mas eu acho que isso é diferente do blog né, eu acho que a graça do blog é justamente você poder ter um grau de autonomia. (Entrevista Rodrigo Vianna).

Assim, ainda que grande parte dos blogueiros pertencentes à blogosfera política alternativa não sejam jornalistas, o fato de que os agentes em maior evidência sejam formados nessa área faz com que o discurso do profissionalismo e da técnica seja bastante valorizado, enquanto que práticas consideradas amadoras são desencorajadas, uma vez que isso reduz o poder de contraponto à mídia tradicional. Nesse sentido, as discussões de Bourdieu (1993; 1989a; 1989b) sobre a importância que o habitus exerce nas práticas dos agentes, ajudam a compreender essa problemática. O peso que o grupo dos agentes-jornalistas exerce na blogosfera política alternativa acabou tendo como consequência à **transposição do habitus inerente ao campo jornalístico** para aquele, e é por esta razão que o *know-how* que orienta o modo de se fazer jornalismo é tão incentivado nesse novo espaço.

Evidentemente, tal conclusão não significa dizer que a lógica daquilo que alguns agentes pertencentes à blogosfera denominam como a velha mídia seja incorporada plenamente nesse espaço. Conforme ficou claro por meio de trechos de entrevistas anteriores, blogueiros altamente reconhecidos vêm incentivando que a blogosfera potencialize o uso da tecnologia à disposição dos agentes, estimulando a interação entre blogueiros e leitores e deixando de lado a lógica tradicional dentro da qual os produtores da informação possuíam uma posição privilegiada na hierarquia da cadeia da produção de conteúdo. No entanto, ainda que muitos agentes reconheçam e critiquem esta hierarquização típica da mídia corporativa, é possível se questionar até que ponto o estímulo para que os agentes pertencentes à nova mídia aprendam as tradicionais regras do jornalismo não acaba por reforçar a lógica à qual se critica.

## 5. Considerações Finais

Ainda que o ambiente virtual seja marcado por uma maior horizontalidade, descentralização e fragmentação que coloca em xeque o antigo modelo de comunicação em que havia uma separação bastante clara entre produtores e receptores da informação, a blogosfera não foi capaz de garantir que houvesse efetivamente uma democratização no campo da comunicação. Isto porque as organizações dominantes no campo, por mais que tenham perdido parte do poder que detinham justamente por conta da maior fragmentação do campo no contexto atual, ainda possuem um considerável poder de impor a ordem nesse espaço social devido ao grande volume e variedade de recursos que ainda concentram.

Dentre as várias organizações que surgiram engajadas no ativismo de mídia, o movimento *BlogProg* foi uma das que mais exerceu influência na luta pela democratização da comunicação no Brasil. Entretanto, por mais que esse movimento se estruture em torno de características que sejam as mais próximas possíveis desse novo



modelo de comunicação, foi necessário que o movimento se institucionalizasse minimamente e formulasse algumas estratégias de ação como forma de garantir a continuidade de sua luta e das disputas nas quais se lançou.

Nesse sentido, as estratégias de subversão não podem ser consideradas como puras ou completamente independentes das práticas adotadas pelas organizações tradicionais, mas existem com base em um *continuum* de interação entre dominantes e contestadores. No caso da blogosfera política alternativa, parece claro que a própria dualidade que marca o discurso dos agentes de contestação e por meio da qual as diferenças entre velha mídia e nova mídia são ressaltadas, se constitui como recurso importante que auxilia a legitimidade dessa arena e também do próprio movimento.

Por fim, parece ser possível afirmar que a abordagem teórica de Bourdieu não elimina a possibilidade de visualizarmos práticas de caráter mais macro que possuam certo grau de intencionalidade e que sejam adotadas de forma mais consciente pelos agentes do campo. Isto não significa dizer, evidentemente, que as macroestratégias de subversão que emergiram na pesquisa sejam completamente racionais ou desprovidas da interferência de elementos inconscientes. Pelo contrário, mesmo aquelas ações mais explícitas levadas a cabo pelos agentes como forma de subverter a ordem dominante do campo, caso das práticas adotadas pelo movimento *BlogProg*, são orientadas por elementos como a trajetória dos agentes, suas experiências, elementos culturais, relações de poder entre dominantes e contestadores ou as relações de poder visualizadas entre os próprios agentes de contestação, etc. Em outras palavras, ficou claro ao longo da análise que o *habitus* dos agentes influencia a todo o momento as estratégias de subversão, o que não significa dizer que os agentes não possam planejar minimamente suas ações com o intuito de promover alterações na ordem do campo.

Dessa forma, reafirma-se aqui a ideia de que a abordagem de Bourdieu, longe de se caracterizar por um inevitável determinismo estrutural, abre possibilidades para que os agentes de um campo modifiquem sua estrutura e se reorganizem em seu interior, ainda que isto não ocorra facilmente. Assim, entende-se aqui que a perspectiva de Bourdieu pode contribuir muito para a análise de fenômenos importantes para a área de estudos organizacionais, uma vez que por meio dela é possível a análise de práticas diversas adotadas pelos agentes dentro de um campo sem que se privilegie o nível macro ou o nível micro de análise.

## Referências:

ALCADIPANI, R. O declínio dos jornais. *Revista de administração de empresas*, vol. 6, nº 2, mar/abril 2007, pp.31-35.

ALMEIDA, L.R.D.A. Pierre Bourdieu: *A transformação social no contexto de 'A Reprodução'*. *Revista Fac. Educ, UFG*, vol. 30, nº1, pp.139-155, jan./jun. 2005.

ANHEIER, H. K.; GERHARDS, J.; ROMO, F. P. Forms of capital and social structure in cultural fields: examining Bourdieu's social topography. *The American Journal of Sociology*, vol. 100, nº 4, pp. 859-903, 1995.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.

BORGES, A. A blogosfera e a luta pela democracia. Blog do Miro. 17 Ago. 2011. Disponível em: <http://altamiroborges.blogspot.com.br/2011/08/blogosfera-e-luta-pela-democracia.html>. Acesso em: 20/05/2013.

BOURDIEU, P. *Contrafogos 2: por um movimento social europeu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

\_\_\_\_\_. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. *The field of cultural production*. Cambridge: Polity Press, 1993

\_\_\_\_\_. The purpose of reflexive sociology: the Chicago workshop. In:

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989a.

\_\_\_\_\_. Social space and symbolic power. *Sociological Theory*, vol. 7, nº 1, pp. 14-25, 1989b.

\_\_\_\_\_. “Esboço de uma teoria da prática”. In: ORTIZ, Renato (Org). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS. In: VIANNA, R. Blogueiros reunidos: a carta de Brasília. Escrevinhador. 20 Jun 2011. Disponível em: <http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/blogueiros-reunidos-a-carta-de-brasil.html>. Acesso em 25/06/2014.

CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS. In: AZENHA, L.C. Carta dos blogueiros progressistas. Vi o Mundo. 18 Ago. 2010. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/carta-dos-blogueiros-progressistas.html>. Acesso em 30/05/2014.

CENTRO DE ESTUDOS DA MÍDIA ALTERNATIVA BARÃO DE ITARARÉ. Objetivos. Disponível em: <http://www.baraodeitarare.org.br/2012-09-08-21-55-06/objetivos>. Acesso em: 20/03/2014.

CARROLL, W.K; HACKETT, R.A. Democratic media activism through the lens of social movement theory. *Media Culture Society*, 2006, pp. 83-104.

CATANI, A.M., CATANI, D.B., e PEREIRA, G.R.M.. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. In. *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Ago, 2001.

EMIRBAYER, M.; JOHNSON, V. Bourdieu and organizational analysis. *Theory and Society*, 37, vol. 1, 2008, pp. 1-44.

GUIMARÃES, E. A blogosfera tem uma dívida de gratidão para com o PIG. Blog da Cidadania. 21 mai. 2012. Disponível em: <http://www.blogdacidadania.com.br/2012/05/a-blogosfera-tem-uma-divida-de-gratidao-para-com-o-pig/>. Acesso em: 25/05/2014.

HACKETT, R.A.; CARROLL, W.K. *Remaking media: the struggle to democratize public communication*. New York: Routledge, 2006.

JOHNSON, R. Editor's introduction: Pierre Bourdieu on art, literature and culture. In: BOURDIEU, P. *The field of cultural production*. Cambridge: Polity Press, 1993.

JURIS, J.F. The New Digital Media and Activist Networking within Anti-Corporate Globalization Movements. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, Vol. 597, Cultural Production in a Digital Age, Jan., 2005, pp. 189-208.

MIELLI, R. “Pela criação de políticas e espaços públicos de comunicação”. In: MIELLI, R (org.). *Comunicação pública no Brasil: uma exigência democrática*, pp. 9-12, São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

MORAES, D. Comunicação, Hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. *Revista Debates*, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.

MORAES, D. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*, vol. IX, n. 2, maio/ago 2007.

\_\_\_\_\_. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Vol. XXIII, nº 2, julho/dezembro de 2000, pp. 142-155.

MOUSSA, M.B. From Arab street to social movements: re-theorising collective action and the role of social media in the Arab Spring. In: TAKI, M.; CORETTI, L. (Ed). *Westminder papers in communication and culture*, vol. 9, nº 2, abr. 2013.

POSTER, M. Digital Networks and Citizenship. *PMLA*, vol. 117, n. 1, Jan., 2002, pp. 98-103.

RUSSELL, A. Editorial: exploring digital resistance. *New Media Society*, 2005, pp. 513-515.

SILVEIRA, S.A. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. *Revista USP*, nº.86, São Paulo, ago. 2010.

THIRY-CHERQUES, H. *Pierre Bourdieu: a teoria na prática*. Revista de Administração Pública (RAP), vol. 40, nº1, pp.27-55. Rio de Janeiro: FGV, jan/fev. 2006.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas, 2004.

VIEIRA, M.M.F.. “Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração”. In: VIEIRA, M.M.F.; ZOUAIN, D.M. (orgs). *Pesquisa qualitativa em administração*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.